Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP **Class.:** Direitos Indígenas

Data: 02/05/71 **Pg.:**

Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEDI -
Sucursal/SP - Av. Higienópolis, 983 - 01238

O ESTADO DE S. PAULO
DOMINGO, 2 DE MAIO DE 1971

DIN R0002

O problema dos índios no Brasil

PE. AFONSO DE MORAES PASSOS
Especial para "O Estado"

Concluimos hoje a publicação do artigo do Pe. Afonso de Moraes Passos, cuja primeira parte foi divulgada na edição de 24 de abril ultimo.

Também são relativas, porque todas elas, no seu momento histórico e localização geográfica, realizam o máximo que, naquelas determinadas circunstancias, o espírito humano pode atingir. Daí vem que, "todo sistema cultural humano é lógico e coerente dentro de seus próprios termos, segundo as suposições e conhecimentos básicos à disposição da comunidade" (Pertti J. Pelto, Iniciação ao Estudo da Antropologia, Rio, Zahar, 1971, trad., 2.ª edição, pág. 88).

Concordes no tocante à relatividade das culturas, os antropólogos divergem quanto ao relativismo dos valores sôbre os quais repousam as mesmas culturas. Alguns o admitem, negam-no outros. Enfileiro-me modestamente entre êstes ultimos, prestando, embora, minha homenagem aos que discordam desta escola.

De fato. Aceitar o relativismo dos próprios valores fundamentais da humanidade é, para nós, negar a humanidade. Dizer que a maneira diferente pela qual são interpretados os valores fundamentais indicaria a equivalência e relatividade dêsses valores entre si, ainda que opostos, parece-nos repudio à natureza humana. Pois ela existe — do que ninguém duvida — e dela provêm alguns valores fundamentais (é êstes, apenas, que estamos falando). Tais valores fundamentais existem em tôdas as culturas, não obstante as interpretações que podem ser muito diversas, consoante os elementos de que cada complexo cultural possa dispor. E ainda quando, num choque de valores fundamentais, exigindo opção, o elemento menor cede ao maior — como o respeito à vida humana cede ao valor bem comum ou sacrifício ritual — isso não significa que não exista aquele valor preterido no cotejo. Mas, somente que há hierarquia entre êles, como em tôda a natureza.

Julgar que não há "certo" ou "errado", nem "verdadeiro" ou "falso", porque os valores seriam relativos (os fundamentais) é rejeitar os valores naturais do homem, de todos os homens. O subjetivismo seria, então, o unico valor permanente da humanidade. A qual seria tantas humanidades quanto êsses seus valores díspares. E nem havia motivo para se procurar melhorar tôda a humanidade, acabar com injustiças (matanças de judeus dentro da cultura hitlerista), como também teriamos, enfim, que negar a propria ciência, que tem de basear-se em realidades objetivas e não, por exemplo, no movimento aparente que diàriamente faz o sol em tôrno da terra.

Alongarmo-nos mais nesse ultimo ponto, neste momento, seria afastar-nos do tema central dêste artigo. Para nós, contudo, se as culturas, repetimos, são relativas e não podemos tachar de inferior a nenhuma — conquanto inferior possa ser parte dela, isto é, a técnica — não o são os valores fundamentais derivados diretamente da natureza mesma do homem; êstes são absolutos.

5 — A "aculturação" indígena, pois, deve, pode, convém seja feita?

Notemos, de início, que aculturação é algo de empenhativo em antropologia. (Leia-se, entre outras, a magnífica obra do prof Egon Schaden, "Aculturação indígena", São Paulo, Pioneira, 1969). Requer preparo científico esmerado e a aceitação de sequela de consequências necessárias.

De início, mister se faz nos espamos do etnocentrismo pueril que respiramos cada dia, supondo que nossa orgulhosa cultura deva ser o centro do universo e que é através dela que nos compete olhar as demais.

Logo após, impõe-se profundo e, quando possível, completo estudo da cultura em foco. Ela é sempre constituida de um complexo total, onde o homem se situa a si mesmo em seus pensamentos e ações, onde se relaciona com os outros, as coisas, o universo. É dessa análise "por dentro" que depende todo o mais. Será através dela que se encontrará a porta, clarabóia que seja, que possibilitará a aproximação das culturas sem traumas e aniquilamentos.

Aqui, a teoria que perfilhamos de valores fundamentais comuns a tôda a humanidade nos serve de subsdio. Será compreendendo internamente a cultura em estudo que se descobrirão as teclas valores humanos comuns; e s poderão servir, as mais das vêzes, para o avizinhamento, talvez cuidadosssima e lenta interpenetração de culturas.

Só então haveria aculturação "por dentro". E na medida qualitativa e quantitativa que a pesquisa puder autorizar. Só ali não desabará o mundo mental do aborígene, nem sua dignidade, sua altivez inata, nem sua alegria e gôsto de viver.

É evidente que aculturar, portanto, é tarefa exclusivamente de especialistas, ao menos no nível da direção e das decisões. Poderão contar com colaboradores outros, dotados de genuina vocação para êsse delicado trabalho, mas que hajam somente sob sua imediata e contínua orientação, após receberem consistente instrução.

Normas gerais

6 — Mas, quando se deve aculturar?

A resposta melhor será dada em cada caso peculiar. Algumas normas gerais podem ser traçadas, contudo.

Situam-se hoje nossos pobres índios em três estágios culturais, subdividido cada um em graduações. É o que concluo, salvo melhor julgamento de pesquisas e observações.

Há os de cultura ainda intocada, graças ao bom Deus. Estão como na epoca em que nosso maravilhado descobridor pisou a terra "dadivosa e boa". Há os que estão sendo "aculturados" em proximidade de postos governamentais, em centros missionarios ou junto das periferias de invasões dos "civilizados" — povoados que foram surgindo, nucleos seringueiros, estradas, campos de pouso, fazendas forçosamente latifundiarias. E há, enfim, os que já foram "aculturados". Estes ultimos, com exceção de alguns, foram transformados em semiparias, não misturados, mas justapostos às populações locais, talvez em infimo nivel social e, não muito esporadicamente, gravados de vicios.

Quanto aos do primeiro estagio, entendo que sua cultura virgem deva ser preservada, com o matizamento conveniente. Explico-me. Não sou dos que, neguem à ciencia o dever da investigação e conhecimento, ainda quando se trate de invioladas culturas. E, crendo em Deus, autor da natureza, da materia e das leis que regem sua evolução, não posso ser, e não sou, infenso a que sua mensagem chegue a todos os homens. — Julgo legitimo também o labor do missionario instruido.

Aí está. Pode haver contacto até com essas culturas. Mas terá de ser efetuado por entendidos, só por eles. Estudando tais complexos culturais "por dentro", esses especialistas poderão encontrar a area de comunicação, o vão exiguo e exato ou (no caso de a finalidade ser a ciencia), para que o contacto não seja danoso; ou, na hipotese missionaria, para que a resposta que cada criatura tem ao apelo de seu Criador, seja encontrada. Mas, note-se, tal contacto não pode ser da mentalidade greco-romana; tem de ser levado a cabo dentro da mentalidade daquela determinada cultura. Esta continuará a viver inteira. — A isso denomino preservar as culturas virgens "com o matizamento conveniente".

Eminente etnologo, meu dileto amigo, tem suas razões para julgar que as crianças de tais culturas poderiam ser aculturadas, com os devidos cuidados exigidos pela ciencia. Sempre discordei, porque são essas crianças que deverão continuar culturas possuidoras de direitos pelo menos iguais à greco-romana; não têm por que parecer ou transformarem-se.

Relativamente aos indios do segundo estagio — em vias de "aculturação" — é mister imediata reformulação, para se salvar o salvavel. Todo esse trabalho deveria ser superintendido por especialistas, dotados de suficiente elasticidade e adaptação à diversidade dos casos e precisões. Só aí teriamos um modo de agir justo, criterioso e inteligente.

No concernente ao terceiro, triste grupo apenas posso dizer que é o testemunho vivo perante o tribunal da Historia e do Futuro de nosso trabalho de "aculturação".

7 — Toquei na questão missionaria e é ela fator relevante no complexo assunto que estamos tratando. Aqui nos limitaremos a observações essenciais apenas.

O missionario foi um dos maiores construtores do atual Brasil. Sem guerrear nem escravizar, pregando idéias, muitas vezes sozinho, sem residir, no passado, em bases fixas, marinhando por florestas, como disse o poeta, movido por ideal absorvente, certamente figura entre os expoentes da especie humana. Ontem, como hoje, varios dentre eles, por instinto admiravel, entraram um tanto dentro das culturas a catequizar. Desde Anchieta temos traduções da doutrina cristã para linguas indigenas. Ainda presentemente, sei de missionarios no Amazonas, curtidos em anos, enfermidades e experiencias, que compõem lexicos e gramaticas no idioma das gentes às quais devotaram sua vida. E esse titanico esforço missionario estende-se por quase cinco seculos. Ininterruptamente. Em profundidade. Quanto deve nosso País a eles?

Mas, aqui também houve, há senões. Cometidos com as melhores intenções, com nobreza de perspectivas. Por carencia de instrução especializada. Repito, não se lhes podia pedir conhecessem ciencias que só futuramente a humanidade iria descobrir. O que não faz de um desacerto um proveito, numa depreciação objetiva.

O proprio ensino de mensagem divina e ela mesma sofrem danos se não são comunicados dentro do arcabouço mental, no que tenha de valido, de quem o comunica ou a recebe. Penso, e já escrevi sobre isso, que aí está o motivo da hoje verificada deficiencia havida na catequização de outro grupo etnico, este provindo de fora do continente. A escravidão negra, mancha da cristã America, carreou da Africa para nossas terras elevado numero de pessoas, aqui sumariamente incluidas no cristianismo. Qual o resultado dessa conversão abrupta? Considerando só nosso País, podemos observar alguns bons resultados, provindos de circunstancias convergentes, mas talvez maioria de fracassos. Alguns membros desse grupo etnico têm antecedentes de seculos de Brasil; outros sofreram a importação para o País em epoca mais recente. E que vemos? Quando, há poucos anos, puderam os cultos africanos em nossa Patria receber foros civis, eis que emergiram à luz do dia nada menos que religiões trazidas da longinqua Africa, inteiramente montadas em suas interessantes peças, e bem localizadas em determinados sitios daquele sofrido continente. Sinceros, os negros acreditavam no que se lhes impigia, mas uniram sua ancestral fé à nova crença, num ecletismo que constitui as delicias dos pesquisadores de hoje. (Ainda na ultima Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciencia, em Salvador, era de ver-se como antropologos pagavam elevadas somas a motoristas de taxis, em certas noites, para serem conduzidos a terreiros de candomblés, julgados mais autenticos, em afastadas periferias dessa estupenda Bahia de todos os Santos... "e de todos os deuses").

Foi o que, bastas vezes, aconteceu também com o dono da terra, o indio, mesmo quando, para sua desgraça, foi "acabocladó". Um cristianismo enxertado dessa maneira externa e estrangeira — que a cultura o era, não obstante todos os sacrificios vividos, só pode ser recebido "per modum recipientis", isto é, dentro do contexto da cultura existente, sob sua perspectiva e compreensão.

Felizmente, nota-se nesse setor uma alvorada. Hoje já não são poucos os missionarios especializados em antropologia. Entre outros testemunhos, seja-me aqui permitido citar os autores da monumental "Enciclopedia Bororó", salesianos de Mato Grosso, de tão boa aceitação internacional. P. Alcionilio Alves da Silva, com sua "A civilização indígena dos Uapés", com sucesso imediato em diferentes universidades dos Estados Unidos. O jesuita Azzi exprime atualmente as mais modernas e corretas idéias antropologicas a respeito do indio brasileiro, membro que é da missão de Diamantino. Em São Paulo, P. Vicente Cesar, da congregação missionaria que é o Verbo Divino, mantém filial do "Anthropos" (de Modling, Viena, depois Friburgo da Suiça, hoje St. Augustin, Bonn) e promove cursos. E muitos mais.

No entanto, deve-se dizer alto e bom som, que há resistencias. Sentem-nas êsses mesmos que se especializaram. Por ausencia de formação cientifica, varios ainda não compreendem a necessidade absoluta de apostolado em bases humanas antropologicas, cientificas. E como a Igreja é sociedade hierarquica, não se devem menosprezar tais óbices. Por não poderem atingir a intelecção requerida no assunto, por alguns a aculturação é vista de modo errôneo, fragmentario, quando não apressado. Não obstante magnificas intenções. Ouso insistir em sugestão ao meu ver inadiavel e exigida pelos fatos: decurso, ao menos de seis meses, para nossos estimados e, sem favor nenhum, heroicos missionarios. Há dificuldades ingentes nessa interrupção de trabalhos encetados; mas a vantagem está em possibilitar melhor penetração da mensagem divina, razão das missões. Há departamento da Conferencia dos Bispos Brasileiros supervisor das lides missionarias. A êle nossa sugestão. Já a haviamos feito, em geral, tempos atrás. E' tempo de acabar-se com a ignorancia também nesse importante setor. Para bem do apostolado em si, da Igreja e da dignidade dos nossos queridos missionarios.

A "política indigenista"

8 — Passemos, ora, á "politica indigenista" em nossa pátria.

Também ela animada das melhores intenções.

O respeito á vida do indio, tão inculcado pelo marechal Rondon; a benevolencia oficial para com êle, a focalização de alguns de seus valores, a defesa, dentro do processo de "aculturação", de outros, foram certamente bens dessa politica. Mas, quantas falhas!

Primeiramente, a realidade missionaria brasileira foi situada fora daquela perspectiva oficial. Era o pagamento de tributo ao positivismo ainda vicejante no Brasil do tempo. Assim, para o oficialismo vazio do momento, a mais consistente fôrça indigenista simplesmente não existia. A grande rede missionaria, envolvendo o Brasil há quase quatro seculos, com potencia de penetração em todos os rincões pátrios, poderia ter sido inteligentemente aproveitada. Em vez disso, foi posta á margem.

A segunda consideração é sôbre o Serviço de Proteção aos Indios. O nome é generoso. Fundado por idealista, alimentados pela chama de dedicação ao indio, que se chamou Candido Rondon. Como os missionarios, também o grande patriota incorreu em erros notaveis sob o ponto de vista cientifico. Sua formação era visceralmente etnocentrista. A criação do Serviço, todavia, foi grande vitoria para a causa do indio, que precisamente carecia de proteção. Com a retirada do velho soldado, os defeitos congenitos da organização e os adquiridos foram-se evidenciando sempre mais. Falta de competencia, falta de vocação — é mister que esta também exista em homens por vezes escalados para quase solitarios postos avançados, e êste é apenas um exemplo — foram os empecilhos quase involuntarios, estruturais. Mas, houve outros.

A Revolução de 1964, que veio reconciliar o Brasil com suas raizes e espirito nacional, fez a unica coisa adequada á realidade então vivida pelo aludido Serviço: extinguiu-o. Conquanto ainda lá houvessem representantes do antigo idealismo, a fama corrente e, sobremaneira, os muitos processos levantados pela Revolução mostraram panorama bem diverso do sonhado por Rondon. Declarações do proprio ministro do Interior, na ocasião, com pormenores revoltantes, deixaram pasmos quantos não conheciam ainda a queda da "proteção" aos indios.

A lei n.o 5.371 de 5 de dezembro 1967 criou a atual Fundação Nacional do Indio. Prevaleceu aqui, devido ao estarmos em outra epoca que a da criação daquele extinto Serviço, tonalidade antropológica bem mais evoluida. A politica indigenista, aqui, deverá estar baseada nos principios do respeito á pessoa do indio e ás instituições e comunidades tribais, garantindo-lhes a posse permanente das terras onde vivessem, além de promover levantamentos, analises, estudos e pesquisas sôbre os aborigenes. Também lhe competiria preservar o equilibrio biologico e cultural do indio. E, atenção, resguardar sua aculturação espontanea, como afirma o atual presidente da "Funai" — a sigla da Fundação — "de modo que se processe uma evolução socio-economica gradativa, a salvo de mudanças bruscas" (Folha de São Paulo, 15 de abril de 1971, p. 3).

Mas, a falha original da "Funai", como de seu antecessor, o Serviço, continua sendo aquela dupla falta estrutural aduzida mais acima. Há "conselho diretor" onde se vêem alguns antropologos. Mas, carecem de autoridade pratica de decisões.

Uma pessoa pode ser muito competente dentro da profissão que escolheu, mas não o ser em outras. Um cirurgião de transplantes de coração, por muito renomado que fôsse, só por isso não seria competente engenheiro, construtor de pontes; feitas por ele, aliás, poderiam elas ou deveriam elas desabar. Geneticista de alto gabarito cientifico, revelador de segredos do "codigo da vida", nem por isso seria apto dentista.

Para dirigir delicadissimo e sensivel orgão antropologico só poderia ser nomeado eximio antropologo. E' necessário patriotismo, sem duvida, dedicação, tino administrativo, capacidade de decisão, qualidades comuns a qualquer chefe, mas antes do mais supõe-se que a pessoa escolhida para o cargo entenda do assunto que vai dirigir.

Por falta dessa basilar exigencia, a "Funai" prossegue com a mesma fundamental mentalidade do antigo Serviço de Proteção aos Indios, conquanto sob tonalidade um tanto diversa: uso de palavras antropologicas, com sentido não antropologico, mas condicionado à instrução de quem as tem que usar.

O mesmo senhor presidente desse orgão, cujas palavras citamos pouco acima, diz igualmente: que não vê "nenhum inconveniente em que a estrada Cuiabá a Santarém, BR 80, atravesse o Parque Nacional do Xingu, nem acredita numa eventual degenerescencia da cultura primitiva sob o influxo da civilização... Se viessem a verificar-se inconveniencias, elas seriam — a seu ver — supridas com a criação de postos de fiscalização ao longo da estrada, com o objetivo de controlar o contacto da civilização com os indios" ("Estado de S. Paulo", 9 abril 1971, pag. 30). No que se afirma tranquilamente que sob o influxo da civilização, não haveria "degenerescencia da cultura primitiva"; e onde se sustenta que tais postos de fiscalização poderiam representar alguma coisa de eficiente.

Idéia original

A idéia força permanente em todas as politicas indigenistas de nosso País é, infelizmente, a da mentalidade etnocentrica do Homo oeconomicus da civilização ocidental. Além dela, o atual sr. presidente da Funai tem outra, bastante original. Respondendo a carta que enviara eu ao sr. presidente da Republica, com seu oficio de n.º 566, de 7 de dezembro 1970, o sr. general Oscar J. Bandeira de Mello escreve textualmente (pag. 1): "Por outro lado, ela (a "Funai") se preocupa com as necessidades de integração nacional, o interesse da comunidade brasileira, cuidando desde já de evitar a possibilidade de criação de quistos etnicos completamente estranhos à tradição cultural do nosso País", o que é de uma enormidade absoluta e retrata com fidelidade o complexo mental e falta compacta de especialização em assunto vital para a humanidade e para nossa Patria. Evidentemente, consoante o principio filosofico, ninguém dá o que não tem e o senhor dirigente da "Funai" apenas manifesta sua particular compreensão do caso, sem culpa da parte dele. Mas, é supremamente doloroso que esteja dotado dessa autoridade, para a qual não teve preparação, pelo visto, nenhuma.

A mesma mentalidade, embora não reduzida assim a afirmação tão exulada de qualquer longinquo criterio cientifico, aparece em outras cartas que possuo, de dirigentes oficiais indigenistas, anteriores.

Esse é, em consequencia, o espirito que causa o animicidio perpetrado em nossa Nação contra os donos da terra, réus do crime de serem tecnicamente mais fracos. Há quase 500 anos somos animicidas. Ainda hoje, quando a ciencia antropologica progrediu tanto.

Em sucessivas declarações, o mesmo sr. presidente da Fundação Nacional do Indio disserta sobre "integração do indio", sua "aculturação" e outros pontos relevantes, necessariamente debaixo da mesma mentalidade obsoleta e jejuna do que possam significar verdadeiramente tais conceitos. Aponta até exemplos do Parque do Xingu, na nossa classificação no segundo estagio de relação com a cultura greco-romana, sobre aborigenes que vestem roupa quando o turista se retira; e poderia aduzir muitos outros nesse estilo, no qual, justapondo-se externamente cultura de tecnica mais desenvolvida, fazemos da imitação do Homo oeconomicus meio para "aculturação" imposta em violencia psicológica e em destruição do mundo mental e mítico do amerindio. Na mesma entrevista ("O Estado de S. Paulo", 22 de abril 1971, p. 1 e pag. 9), o sr. presidente da "FUAI" achou conveniente descer mesmo a ataques pessoais aos irmãos Villas-Boas, o que não seria conforme a uma discussão em nivel cientifico, caso esse fosse o gabarito.

Um conferencista, no dia 6 de abril passado, pediu nada menos que a extinção do Parque do Xingu, pálida tentativa que é de minorar o pesadume e amargor da "aculturação" animicida. Foi o sr. general Frederico Rondon, segundo o "Estado de S. Paulo", 7 de abril de 1971, pag. 9.

Tais senhores são fieis servidores da Pátria que nossos antepassados construiram. Ela provavelmente lhes deve ser grata pela folha de serviços que, em suas profissões, possuem, pois atingiram altos postos em suas carreiras. Todos lhes reconhecemos isso. Não a competencia, que não existe, de se pronunciarem desembaraçadamente sobre assuntos que solidamente ignoram. Involuntariamente embora, prestam desserviço, e grande, á nossa terra, nesse peculiar setor. Além da gravidade dos fatos em si — falta de conhecimento da realidade das coisas, comprovada pela ciencia — apresentam ao mundo imagem que em nada prestigia a terra que é de nós todos. O dever de patriotismo, que a todos nos move, impõe-nos a aderencia ás nossas especialidades.

9 — Toquei em ponto muito atual: o das novas estradas. O Brasil deve integrar em sua comunidade a vasta região amazonica. Ninguém o nega, sendo brasileiro. Não basta a posse juridica, requer-se a efetiva. Há ainda o perigo de aventureiros de fora lançarem-se á conquista da Amazonia, com dano de nossos bens, talvez de nossa propria soberania. E' questão pacifica a necessidade dessa integração e bem haja o governo que afinal resolve executar a anosa idéia.

Mas, não se pode querer o bem de maneira inadequada: porque isso é querer o mal. Não se pode realizar a longamente desejada integração a custa de animicidios em massa, terminando obra destruídora destes 4 para 5 séculos de civilização.

Há um só, grande problema da Amazonia, não diversos, semi-independentes entre si, conflitantes por vezes. Como também não há diferentes soluções, uma do Ministerio da Agricultura, outra da FAB, uma terceira do Exercito, outra do Ministerio de Obras Publicas, outras propostas por sociólogos, ou parlamentares ou pela Petrobrás ou por fazendeiros. Essas são as várias partes de uma unica solução a ser dada, de modo inteligente e eficaz.

Todos esses, e outros objetivos, a serem alcançados na região amazonica, devem ser escalonados dentro do respectivo lugar que ocupem no entrosamento geral. Achamos que o escopo supremo, a idéia-mestra a pervadir todo o planejamento unico e organico, o critério geral para as escalonadas decisões é a salvaguarda, ao menos nessa altura do progresso humano, do valor indio. E' o homem-indio. O humanismo que precisa ser defendido, em primeira plana, no caso concreto, isto é, em seu derradeiro refugio de perseguido secular. Dali devem partir todas as demais soluções, estradas inclusive (povoamento, aeroportos, exploração economica de minérios ou o que seja...)

Colocado no centro o problema que é o central, poderiamos analisar todos os objetivos. Curvados finalmente á ciencia, á justiça tão vilipendiada pelo nosso critério economico do homem mais forte, reparando um pouco tudo o que fizemos nestes quinhentos anos. Deixariamos de usar a linguagem inculta do seculo XVI, ainda hoje empregada á larga, e passariamos a falar a do século XX. Desistiriamos de nos imitar a nós próprios, no que tivemos de errado no passado, ou aos Estados Unidos, do século da marcha para o Oeste, para agirmos como homens não divorciados da cultura, do bem e da verdade. E da caridade cristã, que apregoamos.

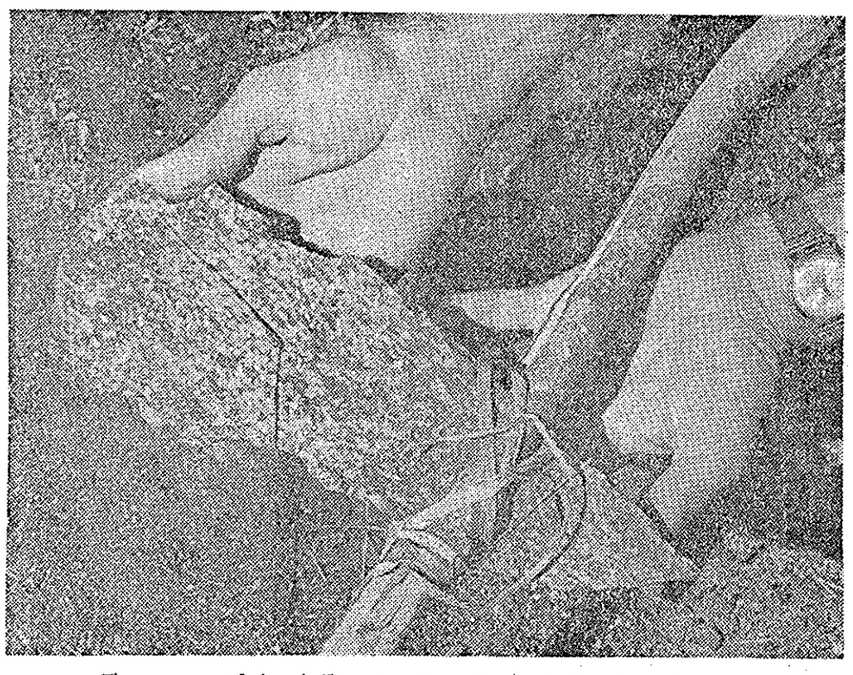
Essa, a unica solução adequada á realidade. Depende dela a salvação de um povo, de uma cultura, das mentes indigenas e dos rótulos com que a posteridade brasileira etiquetará as administrações e povo atuais.

Para concretizar essa colocação exata do problema, para que as autoridades responsaveis pela defesa do Homem do Amazonas pudessem mesmo dispor de poder eficiente e não só decorativo, talvez fosse o momento de se estudar cabalmente a conveniencia ou não de se criar ministerio próprio, que seria da Amazonia ou do Indio Brasileiro. Esta ultima é só sugestão; tecnicos e especialistas deverão decidir sobre ela, mas parece ser meio de se atingir eficazmente a finalidade. Debaixo dessa formalidade estruturada, seriam organizados os demais serviços como novo setor de rodovias, nova zona aérea, novo Exercito, novas circunscrições eclesiasticas e tudo o mais que tal grandioso desafio prenuncia.

Assim, poderiamos trabalhar todos juntos, dentro da estruturação que a realidade das coisas exige. Para que estarmos polemizando entre nós, por vezes estadeando ao mundo nossa ignorancia, se o que desejamos é o bem de nossa Pátria? Não podemos negar as conquistas do progresso cientifico, hoje de dominio de largas camadas internacionais; não o devemos negar, porque somos criaturas racionais. E porque se trata, medularmente, do direito do amerindio em sobreviver. Unamo-nos organicamente. Sob o critério primeiro do valor primordial; depois, dos demais, todos eles dignos de respeito e execução.

— E essa seria a grande obra de Brasil de 1971.

O problema dos índios brasileiros ainda não foi resolvido. Quando o será?



Em que estágio civilizacional estão os índios brasileiros?

Os índios gostam de pintar e reproduzem a realidade que os cerca